

IMAGINÁRIA DEVOCIONAL NO ALTO MINHO NA ÉPOCA MODERNA: ENCOMENDANTES E ARTISTAS

Paula Cristina Machado Cardona

Doutora em História da Arte pela Faculdade de Letras
da Universidade do Porto
Investigadora do Centro de Estudos da Economia,
População e Sociedade da Universidade do Porto
Técnica Superior de Turismo da Câmara Municipal do Porto
paula.cardona.pt@gmail.com

Resumo: O artigo aborda a génese do movimento devocional no território do Alto-Minho (Portugal) e o papel didáctico da imagem no período pós tridentino. No interior das igrejas paroquiais, escrutinámos a hierárquica das imagens associadas ao prestígio das confrarias e identificou-se as imagens provenientes de doações particulares. Paralelamente procedeu-se à contextualização artística das imagens, na óptica das encomendas feitas para as igrejas das Misericórdias, igrejas conventuais e Ordens Terceiras, mencionando, sempre que possível, o artista ou o artífice responsável pela execução da obra. O valor simbólico da imagem foi igualmente retratado tendo em conta, no caso em estudo, o Alto-Minho, a importância dos locais de romagem e a permanência de uma das mais importantes romarias portuguesas, ritual devocional associado a uma imagem do culto mariano.

Palavras Chave: Alto-Minho, Imaginaria, Devoção, Artistas, Época Moderna.

122

Imaginária e postulado canónico tridentino. Antecedentes

Na Idade Média pequenas associações de fiéis reuniam-se em torno a um santo, viam-nos como protectores, uma protecção física que afugentava os perigos e como modelos de virtude que deviam ser imitados e que operavam a aproximação com o divino intemporal. Por esse motivo os santos eram venerados e honrados por essa comunidade de fiéis.

Estamos na génese do movimento devocional, das primeiras confrarias. Nas cidades e vilas medievais mais desenvolvidas os grupos de mesteres, organizados em torno a um santo protector, vão erguer nas igrejas paroquiais as suas capelas votivas, fenómeno que se observa em França, Itália, Espanha e Portugal. Desde o mestre ao aprendiz, todos faziam parte da mesma confraria¹ e estas confrarias, sobretudo de mesteres, geraram um movimento de incremento da encomenda artística. Entre finais do século XIV e inícios do século XVI, o interior das igrejas dos centros urbanos mais desenvolvidos, serão preenchidos com retábulos, pinturas e imagens. As confrarias não se limitavam apenas a construir as suas capelas encomendavam a artistas retábulos, imaginária, revestimentos ornamentais, ornamentos de altar, peças de prata e ouro destinadas ao culto e diversos tipos de paramentos.

No fim da Idade Média as confrarias exercem uma influência significativa sobre todas as manifestações artísticas, de todas, a imaginária adquirirá uma importância exponencial. Émile Mâle refere que se deve às confrarias a introdução do culto dos santos no fim da Idade Média.

¹ MÂLE, Émile. *L'art Religieux de la fin du Moyen Age en France*. Cinquième edition. Paris: Armand Colin, 1949, pp. 167-168.

Por volta 1520, a arte concretizou plenamente o duplo ideal da Idade Média; oferece aos homens duas imagens essenciais: um Cristo em sofrimento que lhes mostra o sacrifício e uma virgem imaculada que os convida a resistir à fatalidade da carne e a vencer a natureza. Vem Lutero e vem a Renascença! A idade média pode morrer: deu a sua suprema revelação².

No fim da Idade Média as confrarias reúnem os homens para a prática religiosa e para a observância de uma vida mais edificante. As confrarias devocionais estão votadas à celebração de um santo e à prática da caridade. São também uma espécie de montra que se oferece a ser olhada e admirada. As imagens colocadas nos retábulos dos altares das confrarias são, por um lado, o testemunho da piedade das confrarias e, por outro, mensagens didáticas que se impõem a partir de Trento, com a divulgação de directrizes muito precisas para os programas iconográficos. (FIG. 1)



Figura 1: Pietá (século XV), convento Franciscano de St.º António. Museu dos Terceiros. Ponte de Lima. Foto: Amândio de Sousa Vieira

Concílio Tridentino. A veneração e a invocação das imagens sagradas e relíquias dos santos

O 3º período do 19º concílio ecuménico que se realiza em Trento, entre 1562-1563, convocado pelo Papa Pio IV, decreta no capítulo XXI dedicado à invocação, veneração, e relíquias dos santos, e das sagradas imagens (sessão XXV) o seguinte:

- 1 – Instruir os fiéis acerca dos santos como intercessores, invocando-os e venerando as relíquias. Legitima-se assim, o uso das imagens dos santos que representam os que reinam juntamente com Cristo, oferecendo a Deus as orações dos homens.
- 2 – Invocar os santos em orações significava contar com o seu poder e auxílio para alcançarem benefícios de Deus.

² MÂLE, Émile. Ob. cit., pp. 167-168.

- 3 – Considerar hereges os que defendiam que os santos não deviam ser invocados, ou que invocá-los constituía idolatria.
- 4 – Solicitar a veneração dos Santos Mártires, por terem sido “membros vivos de Cristo e templo do Espírito Santo” e reiterar a condenação aos que afirmavam que não se deviam venerar nem honrar as relíquias.
- 5 – Apelar à posse e conservação das imagens de Cristo, da Virgem Maria e de outros Santos para serem honradas e veneradas, não porque as imagens em si tivessem qualidades divinas ou virtudes que justificassem a sua veneração, mas pelo facto da imagem representar os santos, as suas virtudes e martírios.
- 6 – Adorar Cristo e venerar os santos pressupunha obter benefícios e mercês concedidas por Cristo, expondo aos olhos dos fiéis, igualmente os milagres “que Deus obra pelos santos e seus saudáveis exemplos”. (Modelos de virtude e exercícios de piedade).
- 7 – Moralizar o modo de representação das imagens. Determina-se a proibição da superstição na invocação dos santos, veneração das relíquias e sagrado uso das imagens, é banido todo o lucro duvidoso, expressando em particular que as imagens não deviam ser representadas com “formosura dissoluta”, beleza que suscitasse desejo de posse imoral.
- 8 – Apelar aos bispos para que tivessem especial cuidado no sentido da representação das imagens de modo a evitar confusão, banindo qualquer conotação profana ou desonesta - “à casa de Deus só convém a Santidade”
- 9 – Fazer depender da autoridade episcopal a autorização, confirmação e reconhecimento para a colocação nas igrejas e templos de novas imagens, admitir novos milagres e receber novas relíquias³.

Com as reformas tridentinas estimula-se e difunde-se a temática Cristológica, Mariana e da Salvação das Almas, um novo modelo de piedade surge como resposta do movimento contra-reformista, abrindo espaço ao aparecimento de inúmeras confrarias devocionais e inaugurando paralelamente, uma nova cenografia no espaço litúrgico, na qual as imagens passam a desempenhar um papel central decorrente deste movimento reformador.

124

As devoções das confrarias podiam ser de carácter **Cristológico**: Santíssimo Sacramento, Santíssima Cruz, Espírito Santo, Santíssima Trindade, Nome de Deus; dedicadas ao culto **Mariano** Maria Santíssima, da Misericórdia, da Piedade, do Socorro; de inspiração franciscana (N.^a Sr.^a da Conceição); de inspiração dominicana (N.^a Sr.^a do Rosário); de inspiração carmelita (N.^a Sr.^a do Carmo). Há confrarias dedicadas ao culto e às devoções de santos locais e regionais e as dedicadas ao culto da morte e das almas dos mortos e a complexa e antiga actividade de sufrágio patrocinada pela Virgem ou por um santo, São José ou São Miguel.

Piedade e Devoção

O movimento devocional apresenta-se polarizado quase exclusivamente nas confrarias que submetem os seus estatutos à aprovação da Igreja, para fixarem o nome da sua devoção e erigirem-se no espaço sacro.

Os estatutos das confrarias careciam de aprovação do arcebispo ou bispo. No caso em estudo, o Alto-Minho, as colegiadas e igrejas paroquiais estavam submetidas, em matéria eclesiástica, ao Arcebispado de Braga. Dos vários documentos normativos que regulamentavam o funcionamento destas

³ FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. *A Arte Da Talha No Porto na Época Barroca (Artistas e Clientela, Materiais e Técnica)*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1989, pp. 40-41. REYCEND, João Baptista. *O Sacrossanto, e Ecuménico Concilio de Trento*, Tomo II. Lisboa: Na oficina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1781, pp. 347-355.

organizações devocionais, destacamos as Constituições Sinodais, ordenadas por D. Sebastião de Matos em 1639 e acrescentadas por D. João de Sousa em 1697. Neste documento, está determinada a vocação das confrarias – destinam-se ao serviço divino e honra e veneração dos santos.

Espelho da nova moral que se institui com Trento, as Constituições Sinodais bracarenses, reforçam as determinações conciliares no que diz respeito às devoções, protegendo e apoiando em particular confrarias do Santíssimo Sacramento e do Nome de Deus. Sobre as imagens reforçam a obrigatoriedade da temática a representar ser a “de Nosso Senhor, ou de Nossa Senhora”, ou dos seus mistérios. Estimulam ainda, os temas dos anjos, santos, santos canonizados ou beatificados, banindo a representação de santos desconhecidos. Por seu turno, a execução da imagem devia atender à compostura dos rostos, os corpos deviam ser proporcionados e os vestidos e toucados decentes, estavam proibidas as representações de nus⁴.

Estas determinações conciliares, no que diz respeito à temática devocional, estão na base de uma distribuição hierárquica das devoções dentro do espaço da igreja. Há portanto devoções mais importantes e devoções secundárias. As mais importantes, na maior parte dos casos estudados subsidiárias das confrarias mais antigas e poderosas do ponto de vista do seu perfil social e financeiro, ocupavam os lugares mais nobres da igreja – capela-mor, capelas da cabeceira e transepto, arcos-cruzeiros. Exemplificamos neste estudo, o caso da confraria do Espírito Santo nas duas colegiadas estudadas, Viana do Castelo e Ponte de Lima, no primeiro caso tem capela própria no transepto do lado da epístola e no segundo caso ocupava a capela-mor.

A igreja passa exercer um controlo apertado em matérias relacionadas com o estado de conservação do espaço físico – a igreja e em questões relacionadas com o comportamento moral do clero e dos fiéis. As Constituições Sinodais apresentam a forma e o modo como deviam ser inspeccionadas as igrejas. No interior do templo, por exemplo, o visitador devia inspeccionar o sacrário, os santos óleos, pia baptismal, relicários e relíquias e imagens.

125

As imagens só podiam ser executadas após a obtenção de licença do provisor, vigário ou visitador e mediante a apresentação de um modelo ou projecto, assegurando que a execução da imagem fosse entregue a um bom oficial⁵.

Imaginária: Hierarquia devocional. Encomenda e artistas

Como vimos as confrarias exercem influência sobre todas as manifestações artísticas em particular a imaginária. Para as confrarias, a imagem simboliza a sua identidade, é o objecto da sua devoção e, por isso, deve ser majestosamente exposta para veneração dos crentes.

No caso presente, apresentamos as encomendas de imaginária, das confrarias mais importantes e prestigiadas que, sedeadas no espaço paroquial, ocupavam a capela-mor ou as capelas das absides ou do transepto. Estas confrarias, algumas delas pré-tridentinas, estiveram muito actantes na fixação e na projecção das suas devoções. Refira-se que os oragos dos templos estavam sempre associados a confrarias e ocupam as capelas-mor, mas essa posição de destaque não correspondia por norma às confrarias mais poderosas financeiramente ou socialmente mais privilegiadas. Ocorre que a par das confrarias debaixo das quais se venerava os oragos destes

⁴ Constituições Sinodais de Braga ordenadas pelo ilustríssimo arcebispo D. Sebastião de Matos no ano de 1639 Lisboa: 1697, Título XXV, const. VI, pp. 322-323

⁵ Idem, ibidem.

templos, outras acolitavam o espaço nobre, quase sempre as confrarias do Santíssimo Sacramento, que geriam de forma directa as tribunas dos retábulos-mor, situação que se explica e se entende à luz das exposições solenes do Santíssimo Sacramento. Esse é o cenário mais comum que vamos encontrar nos exemplos que analisámos: Colegiadas de Santo Estêvão em Valença; de Nossa Senhora da Assunção em Viana do Castelo, de Nossa Senhora da Assunção em Ponte de Lima e as igrejas paroquiais de São João Baptista em Ponte da Barca e de São Salvador em Arcos de Valdevez, sedes de concelho que integram o actual distrito de Viana do Castelo.

A primeira referência à **colegiada de Santo Estêvão em Valença** aparece nas Inquirições de 1322, chegou a ter funções de catedral entre 1506-1514. Esta igreja sofrerá grandes danos com o terramoto de 1755, motivo que originou um amplo programa de reabilitação do templo. Não sabemos se terá existido alguma confraria com a invocação do orago da colegiada (St.º Estêvão), o memorialista das Memórias Paroquiais indica que, em 1758, a capela-mor era ocupada pela confraria do Santíssimo Sacramento. A imagem que hoje observamos no retábulo-mor (assente em 1895) é o grupo escultórico representando o Calvário datado de 1693 e fazia parte do espólio de uma outra confraria, a das Chagas, cuja capela se localizava, nesta mesma colegiada, no lado da Epístola. Este conjunto representa Cristo crucificado e as imagens da Virgem, Maria Madalena e S. João Evangelista⁶.

Na **colegiada de Viana do Castelo**, edifício datado do século XV a imagem da padroeira, Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assunção), com confraria, ocupava a tribuna do retábulo-mor, onde se expunha nos Domingos Terceiros o Santíssimo Sacramento. Mas a confraria que dinamizará de forma activa este espaço, será a confraria do Santíssimo Sacramento de que damos como exemplo a execução do retábulo-mor e o seu douramento em 1721-1722. Esta confraria tinha capela própria na abside do lado da epístola.

126

No que toca à imagem da padroeira, Nossa Senhora da Assunção, registre-se que pelo facto de estar exposta, em permanência, na tribuna da capela-mor e nunca ter sido retirada para funções processionais, levou a confraria a mandar executar, em 1724, outra imagem para as procissões. A confraria alegou que que todos os anos alugavam uma imagem ao mosteiro de São Bento que, segundo os confrades, não fazia a competente invocação ao mistério da Assunção por não estar decentemente paramentada, argumentavam ainda, que o valor pago pelo aluguer era elevado, sendo por isso mais vantajoso a aquisição de uma nova imagem. Por outro lado, invocaram que sendo a confraria orago da colegiada, não era muito apropriado mendigar todos os anos a imagem de Nossa Senhora para as procissões da sua festa.

A imagem processional devia ser feita "com todo o custo e perfeição da arte, dourada e estofada com toda a grandeza, com trono de nuvens, anjos e tudo o mais necessário". Para evitar erros ou defeitos na execução desta imagem, mandaram fazer um risco ao "coronel engenheiro desta Província Manoel Pintto Villas Lobos por ser perito, e experimentado nestas facturas, e riscos", deliberando a Mesa fazer, paralelamente, uma coroa de prata dourada e um andor com as respectivas forquilhas de bronze, com "seus relevos, pirâmides e ramos nos quatro lados", equipamento processional que seria posteriormente dourado. As obras votadas neste acórdão de Mesa incluíram ainda um oratório destinado a recolher a nova imagem processional, que colocariam na sacristia, por cima do arcaz, com dois outros objectivos muito claros: devoção e adorno do espaço. Esta imagem acabaria por ser vendida em

⁶ Disponível em: < http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6230.> Consult. 3 de Outub. 2011.

1746, sob proposta do juiz, o capitão António da Silva Rodrigues, por estar indecente e não haver lugar para o seu acondicionamento. O preço de licitação da imagem, da autoria do famoso engenheiro militar Manuel Pinto de Vilalobos, foi de 4.000 réis.

O incêndio que sofreu a Colegiada de Viana do Castelo em 1806 destruiu a imagem que se encontrava no retábulo da capela-mor razão que levou a confraria a mandar executar, em 1811 uma nova imagem processional, porquanto a que existia na sacristia havia sido transferida para o altar-mor da igreja da Misericórdia.

[...] em razão de se ter queimado a Imagem de Nossa Senhora da Assumpção que estava colocada no altar mor desta collegiada Matriz; se colocou no altar-mor da igreja da Misericordia por favor a imagem de Nossa Senhora da Assumpção que antes estava nesta sachristia, e era que hia nas procioens e que em razão de estar collocada no refferido altar mor da igreja da Misericordia, era preciso outra para ir nas procioens [...].



Figura 2: N^a Sr.^a da Assunção (1811), colegiada de Viana do Castelo. Foto: Paula Cardona.

O feitiço desta nova imagem custou 20.000 réis e o encarnamento, 17.600 réis. Para a mesma foi encomendada uma nova coroa de prata no valor de 19.950 réis. O preço total da nova imagem foi de 57.550 réis⁷. Esta imagem é a que actualmente se encontra exposta na capela-mor desta igreja. (FIG. 2)

Na capela do transepto do lado da epístola tinha assento a poderosa confraria dos sacerdotes – **Espírito Santo**, São Pedro e São Paulo, confraria de origem medieval, confirmada pela documentação da própria confraria que menciona a sua remota fundação na antiga igreja de Santa Maria de Vinha na freguesia de Areosa. Ter-se-á mudado depois para a igreja de São Salvador em Viana do Castelo, acrescentando à sua primitiva invocação a do apóstolo São Pedro. Logo após a finalização das obras da colegiada, transfere-se para uma das mais amplas capelas, próxima da

⁷ CARDONA, Paula Cristina Machado. *A Actividade Mecenática das Confrarias nas Matrizes do Vale do Lima nos Séculos XVII a XIX*, 4 Vols. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [Tese de doutoramento policopiada], 2004 Vol. I, pp. 276-277.

capela—mor. O padre Baltazar Francisco, o mais antigo provedor de que há memória, serviu a confraria em 1475. Durante o seu período de actividade até à sua extinção no início do século XX, encomendaram para a sua capela 4 estruturas retabulares em 1524, 1637, 1707, 1826 e inúmeras imagens. O retábulo actual enquadra a imagem de grandes dimensões do Senhor dos Passos e exposta na sua capela, encontra-se a imagem em tamanho natural, do *Ecce Homo* datada de meados do século XVIII⁸.

Em frente à capela do Espírito Santo, portanto no topo do transepto do lado do Evangelho sediou-se a confraria de oficiais mecânicos, mais poderosa de Viana do Castelo, a dos homens do mar, **Santo Nome de Jesus dos Mareantes**, de origem medieval, existiu sempre debaixo de protecção régia, gozando de amplos privilégios outorgados por sucessivos monarcas. Um dos privilégios que a caracterizava era a de estar isenta de visitação da cúria bracarense. A construção da sua capela na colegiada de Viana do Castelo ocorre em 1506 e desde essa data, o volume e a diversidade de encomendas artísticas para este espaço foi imensa. A máquina retabular, de grandes dimensões, que hoje se observa na capela, datada de 1770, ostenta ao centro o grupo escultórico do Calvário composto pela imagem de Cristo Crucificado, encomendada em 1785 e pelas imagens de Nossa Senhora e São João Evangelista, estas datadas do século XVII. A descrição apresentada no inventário de 1548 menciona a representação escultórica do Senhor Morto, actualmente na base da tribuna. Diz a tradição que este conjunto estava prestes a ser destruído em Inglaterra, por reformistas ingleses e que teria sido salva por João Velho, notável homem da vila de Viana e oficial da confraria que a terá doado para o retábulo seiscentista, manteve sempre lugar de destaque nas diferenças máquinas retabulares que se encomendaram para a capela.

128

Colegiada de Ponte de Lima

A construção da colegiada de Ponte de Lima com invocação de Nossa Senhora a Grande (Nossa Senhora da Assunção) está datada do segundo quartel do século XV, data que corresponde também à erecção da confraria do Espírito Santo na capela-mor. Esta confraria teria ocupado uma pequena capela no local onde se construiria a igreja colegiada. Na capela-mor foi igualmente instituída a confraria de Nossa Senhora da Assunção ou como sempre foi conhecida, Senhora a Grande, em data posterior à do Espírito Santo. Quer a primeira, mais antiga, numerosa e financeiramente mais robusta quer a segunda, mais recente, menos populosa em número devotos, determinaram a estrutura devocional desse espaço como se constata pela encomenda de imaginária documentada desde o segundo quartel do século XVII. Em 1845 a descrição da matriz evocativa do retábulo-mor mandado fazer em 1843 indicava que a tribuna era ladeada pelas imagens do Espírito Santo e São Pedro Apóstolo e o frontal de altar apresentava a representação da "Última Ceia", cuja pintura e douramento foi da autoria do mestre pintor dourador bracarense João Baptista da Rocha⁹.

Os dois quadros que se seguem resumem a encomenda de imagens destas confrarias destinadas à capela-mor e às procissões.

⁸ CARDONA, Paula Cristina Machado, 2004, p. 79.

⁹ CARDONA, Paula Cristina Machado. *O perfil Artístico das confrarias em Ponte de Lima na Época Moderna*. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima, 2010, pp. 64-66.

Encomenda de imaginária Confraria do Espírito Santo			
Data	Tipo de imagem/localização	Artista	Doadores
1664	Imagem do Espírito, numa caixa fechada.	Matias de Amorim carpinteiro (conserto).	
1692	Uma imagem grande do Divino Espírito Santo destinada ao altar e outra processional, mais pequena com caixa.		
1745	Nova imagem do Espírito Santo destinada ao nicho da capela-mor.		
1714	Imagem do Menino.		Doada por Helena de Sousa, devota da confraria.
Último quartel do século XVII	Frontal de altar representando a "Última Ceia".		

Quadro 1: Encomenda da imaginária Confraria do Espírito Santo. Elaboração: próprio autor.

Encomenda de imaginária Confraria de Nossa Senhora a Grande			
Data	Tipo de imagem/localização	Artista	Doadores
1710	Crucifixo para o altar-mor.		
1747	Imagem de N.ª Sr.ª da Assunção, colocada na tribula do retábulo-mor.		
1845	Nova imagem de N.ª Sr.ª da Assunção, destinada ao novo retábulo.	Mestre entalhador José Rodrigues de Viana do Castelo.	

Quadro 2: Encomenda da imaginária Confraria de Nossa Senhora a Grande. Elaboração: próprio autor.

O caso da Colegiada de Ponte de Lima coloca algumas questões de difícil resolução no que diz respeito à compreensão da distribuição das capelas devocionais, mau grado o processo normal decorrente de obras de ampliação do aparecimento de novas devoções e da extinção de confrarias, verificou-se a intervenção Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, em 1956 que, com o objectivo de recuperar o passado medieval do edifício, procedeu ao desmantelamento da maior parte das estruturas de talha da igreja. Restaram apenas os dois retábulos das capelas do transepto, este processo originou a deslocalização de imaginária, pintura e alfaias litúrgicas para outros espaços fora do templo. Do espólio de imaginária ficou-nos uma Nossa Senhora da Assunção (segunda metade do século XVIII) e uma Nossa Senhora da Piedade do mesmo período que se encontram na sacristia. A imagem de Nossa Senhora da Assunção estava em 1852 no coro da igreja. (FIG. 3)

Igreja Matriz de Ponte da Barca

Com invocação de S. João Baptista, a construção da igreja Matriz de Ponte da Barca teria sido iniciada em finais do século XIV. Este primitivo templo será renovado em 1714, de acordo com uma planta executada pelo eng.º militar Manuel Pinto Vilalobos.



Figura 3: Imagem de N.^a Sr.^a da Assunção (1747), Confraria de N.^a Sr.^a a Grande. Colegiada de Ponte de Lima. Foto: Paula Cardona.

No que respeita à estrutura invocativa, sabemos da existência de uma confraria com invocação de São Sebastião, formada por clérigos e localizada muito provavelmente, na capela de São Sebastião e Nossa Senhora da Piedade (Capela dos Donatários). Esta confraria não se encontrava instituída na capela-mor, pese embora exista actualmente, num nicho do retábulo-mor do lado da epístola, uma imagem evocativa de São João Baptista. A capela-mor era gerida pela confraria do Santíssimo Sacramento, apesar de estar instituída em capela própria junto ao arco triunfal do lado da epístola e próxima à capela-mor. Na capela da confraria, e na base do retábulo, datado de 1750-1760, encontra-se a imagem do Senhor Morto deitado num esquife que aparece arrolada num inventário da confraria de 1803. Do seu espólio, registado em 1856, faziam parte, na categoria de imagens e painéis: um painel grande da *Cova Domini*, um painel pequeno do Coração de Jesus, colocado por detrás do crucifixo da sacristia e quatro serafins que estariam também na sacristia da confraria.¹⁰

Igreja Matriz dos Arcos de Valdevez

A igreja com invocação de São Salvador é reedificada em 1683 segundo o risco do engenheiro militar francês Miguel L'École.

Não se documenta nesta igreja Matriz nenhuma confraria de São Salvador. A capela-mor era do domínio da confraria do Santíssimo Sacramento juntamente com os fregueses e com o pároco. Esta confraria, que ocupava capela própria, patrocinou a execução do retábulo-mor em inícios do século XVIII bem como o seu douramento em 1709. Do retábulo-mor fazia parte o frontal de altar com representação da *Última Ceia* actualmente localizado no retábulo da sua capela.

¹⁰ CARDONA, Paula Cristina Machado, 2010, pp.468-470.

A par desta confraria, outra merece destaque, trata-se da de Santo António, muito popular localmente, ocupava a ampla capela junto ao arco triunfal, do lado do evangelho. No seu retábulo, da autoria do entalhador Manuel Gomes da Silva (1728-1729), esteve e mantém-se exposta a imagem de Santo António encomendada pela confraria em 1796-1797.

A imaginária das misericórdias, dos santuários, das igrejas conventuais e das Ordens Terceiras. Contextualização artística

As igrejas colegiadas e as matrizes, como espaços paroquiais, integrados em zonas urbanas mais desenvolvidas, sedes de concelho eram templos que cresciam organicamente em função das rendas e das disponibilidades financeiras das suas várias tutelas: mitra bracarense, que vigiava de perto as questões relacionadas com os requisitos litúrgicos do espaço paroquial e autorizava a encomenda de imagens; os municípios responsáveis pela construção e manutenção do corpo das igrejas e em alguns casos pelas torres sineiras (Valença, Viana e Ponte da Barca); as confrarias que tutelavam e geriam as suas capelas votivas e os privados detentores de capelas funerárias que as deviam manter e conservar de acordo com as determinações sinodais. As igrejas das misericórdias, os santuários (cristológicos e marianos), as igrejas dos conventos e das Ordens Terceiras apresentam outra estrutura organizativa e um quadro de deveres e privilégios que as distinguia das igrejas paroquiais e isso trará reflexos na encomenda artística em geral e na colocação das imagens no interior destes templos em particular.

Misericórdias

No caso da Misericórdia de Viana do Castelo, registamos as encomendas que decorrem da construção da nova igreja que se inicia em 1716. O retábulo da capela-mor foi encomendado em 1718 ao mestre imaginário de Guimarães Ambrósio Coelho. Da encomenda faziam parte as imagens de Nossa Senhora da Visitação com Santa Isabel e São Joaquim com Santa Ana.

No caso da Misericórdia de Ponte de Lima o processo de remodelação do seu interior verifica-se em 1737-1738 pela mão do mestre entalhador Miguel Coelho, autor do retábulo e do frontal de altar representando a *Multiplicação dos Pães* que devia, segundo os apontamentos seguir o modelo do da confraria do Santíssimo Sacramento da Sé de Braga. (FIG. 4)

Santuários

O **Santuário de Nossa Senhora da Boa-Morte**, em Ponte de Lima, é único em toda a região devido ao esquema, original, do retábulo-mor que enquadra as representações, em tamanho natural, da *Lamentação de Cristo* e da *Dormição da Virgem*. Esta estrutura desenvolve-se em dois pisos e ambos permitem uma circulação de 360 graus à volta das composições escultóricas. A tribuna, não tem trono abre-se para um camarim que acolhe ao nível do presbitério a composição da *Lamentação de Cristo* – conjunto composto por nove figuras; na parte superior da tribuna está localizado o grupo escultórico da *Dormição da Virgem*, constituída pela imagem jacente da Virgem Maria rodeada pelos onze apóstolos. Desconhecemos a autoria destas imagens, sabemos que o retábulo foi executado em 1719 pelo mestre entalhador bracarense Francisco Pereira de Castro e o douramento de nove dos onze apóstolos do grupo da Virgem é feito em 1723 pelo mestre pintor-dourador limiano João Coelho de Araújo¹¹. (FIG. 5)

O Santuário **de Nossa Senhora da Agonia**, em Viana do Castelo foi alvo nos anos 60 do século XVIII de um ambicioso programa decorativo que conferiu ao seu interior a marca rocaille que hoje se observa. O olhar do espectador é conduzido de imediato para o retábulo-mor, cuja planta foi da autoria do famoso mestre riscador bracarense André Soares (1762 – 1763) que contou, no processo de montagem, com a participação dos mestres António Álvares e Paulo Vidal, este último mestre pedreiro

¹¹ CARDONA, Paula Cristina Machado, 2010, p. 661.



Figura 4: Frontal de altar do retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Ponte de Lima, representando o tema da Multiplicação dos Pães (1738). Foto: Paula Cardona.



Figura 5: Grupo escultórico da Virgem (1723), santuário de Nossa Senhora da Boa Morte de Ponte de Lima. Foto: Paula Cardona.

de origem galega com vasta actividade neste período, sobretudo em Braga. Desta época foram também concretizadas as encomendas das imagens como se confirma do livro de receita e despesa da confraria de Nossa Senhora da Agonia: em 1763-1764 são colocados na capela-mor imagens de anjos provenientes da cidade do Porto, estas imagens foram entretanto vendidas em 1782-1783; a imagem de Nossa Senhora da Agonia, provavelmente anterior ao retábulo, recebeu um novo manto azul, composto de ferrete de matizes com renda de ouro e forrado de tafetá (1770 - 1771); em 1777-1778 o mestre entalhador João de Brito é contratado para intervir na tribuna, julgamos que estas intervenções tiveram também como alvo as imagens que aí se encontravam¹².

¹² Arquivo da Capela de N.ª Sr.ª da Agonia, Confraria de N.ª Sr.ª da Agonia – Livro de Receita e Despesa 1758 - 1795.



Figura 6: Nossa Senhora do Rosário (segunda metade do século XVIII), capela da confraria de Nossa Senhora do Rosário, igreja São Domingos, Viana do Castelo. Foto: Paula Cardona.

133

Igrejas conventuais

No âmbito do processo de encomenda de imaginária para o interior de igrejas conventuais, apresentamos como exemplo o caso da imagem de Nossa Senhora do Rosário, pertencente à capela como a mesma designação gerida pela poderosa confraria de Nossa Senhora do Rosário do convento de São Domingos de Viana do Castelo. A capela da confraria estava localizada num dos espaços mais importantes da igreja, próximo da capela-mor. A gigantesca máquina retabular que ornamenta a capela da confraria esmaga, pela sua dimensão e pela plasticidade dos seus ornatos, o retábulo-mor da igreja conventual e constituiu um dos mais representativos exemplares de talha rocaille do Norte de Portugal. Esta peça foi riscada pelo conhecido riscador de Braga André Soares e executado em 1759-1760 pelo não menos famoso mestre entalhador, também de Braga, José Álvares de Araújo. A imagem datada da segunda metade do século XVIII é uma peça imponente, provavelmente encomendada nas oficinas de Braga e corresponde, pela qualidade da sua execução à excelência do risco e do entalhe do retábulo que a enquadra¹³. (FIG. 6)

Igrejas das Ordens Terceiras Franciscanas. Os casos de Viana do Castelo e de Ponte de Lima:

A construção da igreja da Ordem de Terceira de São Francisco de **Viana do Castelo** data de 1772. Para o seu interior, particularmente para a capela-mor, o ministro e mais mesários adjudicam em 1789, aos mestres escultores José Caetano e seu irmão Joaquim José de Sampaio, naturais de Vila Nova de Famalicão, a obra do camarim, da tribuna, das duas figuras de penitência, localizadas no remate do retábulo e de três imagens: Nossa Senhora da Conceição, São Francisco e São Domingos. Todo este programa decorativo – talha e

¹³ CARDONA, Paula Cristina Machado, 2010, p. 606.



*Figura 7: Anjo Tocheiro (1756), igreja da Ordem Terceira de Ponte de Lima.
Foto: Paula Cardona.*

imagens, executado de um só folgo, confere grande unidade plástica ao interior da igreja da Ordem Terceira vianense, no qual as imagens chamam a atenção pela qualidade da sua execução, como podemos observar no caso da imagem de Nossa Senhora da Conceição localizada no altar do corpo da igreja com a mesma invocação¹⁴.

A construção da igreja da Ordem Terceira de **Ponte de Lima** data de 1745 e desde essa data, os irmãos terceiros desencadearão todo um esforço para adequar o interior da sua igreja a novos formulários estéticos que então ganhavam adesão no Alto-Minho, o rocaille. A igreja da Ordem Terceira Limiana é, assim, um dos mais vastos conjuntos decorativos, em terras do Alto-Minho que traduz a afirmação dessa corrente do final do barroco.

134

O retábulo-mor foi executado em 1756, o autor do risco foi o entalhador bracarense José Álvares de Araújo, e a execução da talha entregue aos entalhadores de Guimarães António da Cunha Correia do Vale e Manuel da Cunha Correia. O contrato da feitura da talha incluía a execução das imagens de S. Francisco de Assis e São Ivo de Treguier tendo sido o pagamento desta fase da empreitada, assegurado pelo legado de Lourenço Amorim Costa, irmão da Ordem Terceira Limiana, falecido no Brasil.

A encomenda, como referimos, foi vasta, o contrato de adjudicação da obra de talha, mencionava ainda, os retábulos colaterais de S. Lúcio com as imagens St.^a Bona e St.^a Margarida de Cortona; o retábulo de Rei S. Luís rei de França com as imagens de St.^a Rosa de Viterbo e St.^a Isabel, Rainha de Portugal e um par de anjos tocheiros. (FIG. 7)

Imaginária: devoção e devotos. Ascensão e reforço prestígio social

A expiação dos pecados terrenos e o alcance da salvação eterna norteavam muitos dos devotos neste tempo de efervescências devocionais, mas se as razões de ordem espiritual inspiram estes benfeitores: missas por alma ou os enterramentos em capelas, não devemos esquecer que as questões de ascensão social e reforço de prestígio dentro do seu grupo societário eram motivos de sobra para legarem às

¹⁴ CARDONA, Paula Cristina Machado, 2010, p. 612.

confrarias em que militavam, bens de raiz deixados em testamento e em escrituras de doação, bem como o patrocínio de ornatos e imagens para as capelas do santo ou santos da sua devoção.

A tabela seguinte lista as imagens doadas por devotos Minhotos, proveniente das classes sociais mais prestigiadas, radicados localmente e nos destinos ultramarinos de África, Índia e Brasil.

IMAGENS	DEVOTOS
Pietá (século XV)	D. Leonel de Lima, 1º visconde de Vila Nova de Cerveira e Alcaide-mor de Ponte de Lima, fundador do convento Franciscano de St.º antónio da vila de Ponte de Lima.
Cristo Crucificado (1574)	Proveniente da Flandres trazida por Diogo da Rocha Passos e João da Oya, para o retábulo das Chagas. Igreja da Misericórdia da vila de Caminha.
N.ª Sra.ª da Humildade (1609)	Doada por António Gonçalves de Brito, instituidor da capela de N.ª Sr.ª da Humildade na igreja da Misericórdia da vila de Arcos de Valdevez.
Menino Jesus (1714)	Doada por Helena de Sousa à confraria do Espírito Santo da colegiada da vila de Ponte de Lima.
St.ª Teresa de Jesus (1734)	Doada pelo reverendo Manuel Coelho de Lima à confraria de N.ª Sr.ª da colegiada da vila de Ponte de Lima.
N.ª Sr.ª do Carmo (1748)	Doada pelo Padre Leandro Pinto de Mendonça, para instituir uma confraria com a mesma invocação na colegiada da vila de Ponte de Lima.
S. Francisco de Paula (1758)	Manda executar por D. António Malheiro, bispo deo Rio de Janeiro, para o retábulo-mor capela do palácio Malheiro Reimão da cidade de Viana do Castelo.
St.ª Apolónia e St.ª Bárbara	Mandas executar em Braga ao entalhador Manuel Ferreira de Sousa, por Manuel Vicente da Costa Periera, administrador da capela do Espírito Santo da Matriz da vila de Ponte da Barca.
N.ª Sr.ª do Raio (1832)	Imagem encomendada por Luís António do Vale para o retábulo com a mesma invocação da colegiada da vila de Valença.

Quadro 3: Imagens doadas por devotos Minhotos. Elaboração: próprio autor.

Expoente máximo dessa relação entre sentimento de profunda religiosidade e reforço do prestígio social, encontramos plasmada na capela **Malheiro Reimão**. O início da construção da capela data de finais de 1758, foi mandada construir por D. António Malheiro, bispo do Rio de Janeiro, dedicada a São Francisco de Paula e ao Espírito Santo. O custo total da construção foi de 5.112\$900 réis. Do Rio de Janeiro, o bispo mandou ricos objectos de culto, paramentos e imagens para a capela. Consta-se que terá enviado na frota de Novembro de 1758 a imagem de São Francisco de Paula com resplendor e báculo de prata como aparece registado nas contas que o D. Prior lhe apresentava¹⁵. (FIG. 8)

¹⁵ Disponível em: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2> Consult. 3 de Outub.



Figura 8: Imagem de São Francisco de Paula com resplendor e báculo de prata (1758), retábulo-mor da capela Malheiro Reimão. Viana do Castelo. Foto: Ricardo Janeiro (cedida por Eduardo Pires de Oliveira).

Imaginária: ritual devocional popular

A regra tridentina foi determinante na definição da matriz devocional das igrejas, capelas e santuários porque indicava as temáticas que deviam ser alvo de maior devoção: cristológica, mariana e da salvação das almas e as formas de representação das imagens. Acentuam ainda, a importância da veneração dos santos: venerar os santos significava obter benefícios e mercês concedidas por Cristo, milagres “que Deus obra pelos santos e seus saudáveis exemplos”. Estes novos modelos de piedade que se imprimem às devoções, no conteúdo e na forma, convivem contudo, com as devoções e com os rituais populares ancestrais que não tendo sido banidos, acabaram por ser aglutinados neste movimento contra-reformista da igreja pós tridentina. De uma forma geral, o povo tinha e ainda mantém, profundamente arraigada na sua alma, a convicção nas propriedades milagrosas das imagens, protegendo-os, curando-os, livrando-os de perigos vários, imagens que resolvem na terra os problemas do homem temporal que espiritualmente se manifesta reconhecido, participando individual e colectivamente numa vasta teia de ritualizações que tem como ponto alto, os rituais processionais muitos deles associados a festas e romarias em torno da comemoração de um ou mais santos protectores.

Em documentos vários é usual encontrarem-se relatos das propriedades milagrosas das imagens que ocupavam lugar preponderante nas igrejas, santuários, capelas e ermidas e que justificavam, por norma, fenómenos de massas ligados a grandes romagens e festas populares. Damos exemplo, tendo por base as Memórias Paroquiais de 1758, de algumas imagens associadas a fenómenos milagrosos. No território em análise, o Alto-Minho, escrutinámos duas localidades: uma

IMAGENS	Arcos de Valdez
N.ª Sr.ª das Angústias	"(...) imagem melagrosissima aparecida em uma parede perto do adro da igreja 20 palmos, aonde se lhe fez capela em que está colocada, é frequentada de muitos enfermos para alcançarem o remédio para suas necessidades". Freguesia de Aboim das Choças.
N.ª Sr.ª da Porta	"(...) se venera em um altar portátil feito com todo o primor uma venerável imagem de N.ª Sr.ª da Porta, fazendo muitos milagres." Freguesia de S. Paio.
St.º Amaro	"Há uma grande romaria na igreja paroquial, no dia de St.º Amaro, 15 de Janeiro, por ser muito milagrosa a imagem do santo." Freguesia de Ázere (São Cosme e São Damião).
S. Bento	"(...) he santo de muitos milagres". Tem capela própria administrada pela confraria do S. Sacramento, realizavam duas romagens anuais: a 21 de Março e a 11 de Julho. Freguesia de Portela.
S. Caetano	"(...) concorrem à capela acima dita (S. Caetano) no decurso do ano várias pessoas para implorar nas suas enfermidades o patrocínio do Santo, principalmente aquelas pessoas que padecem maleitas." Freguesia de Rio de Moinhos.

*Quadro 4: Imagens associadas a fenómenos milagroso: Arcos de Valdez.
Elaboração: próprio autor.*

IMAGENS	Arcos de Valdez
N.ª Sr.ª da Borgonha	"é tradição muito antiga que esta imagem a lançara o mar e pusera no andor de suas ondas na praia desta costa". Freguesia de Areosa.
St.ª Ana	"(...) tem muita devoção esta Senhora, principalmente as casadas na ocasião de seus partos pondo ao pescoço alguma prenda sua". Freguesia de Areosa.
Senhor Crucificado	"(...) feito em pedra em um cruzeiro, colocado debaixo de um primoroso arco no frontispício da sua capela, (Sr. Do Bonfim) acodem romeiros todos os dias, por ser esta imagem milagrosa". Freguesia de Carreço.

*Quadro 5: Imagens associadas a fenómenos milagroso: Viana do Castelo.
Elaboração: próprio autor.*

eminentemente agrícola como é o caso da vila de Arcos de Valdevez e outra eminentemente marítima, urbana e cosmopolita, como Viana do Castelo.¹⁶

Em torno da devoção de Nossa Senhora da Agonia. A Romaria

Ao longo dos tempos a devoção "à Senhora da Agonia" foi alvo de várias manifestações de fé por parte dos fiéis que, como reconhecimento da graça recebida, alimentaram o culto à imagem como se demonstra pela quantidade de ex-votos que existem na galeria da sala de reuniões da confraria. (FIG. 9)

Esta devoção extravasou as fronteiras territoriais Minhotas e do Brasil, num período compreendido entre 1766 a 1794, chegaram várias esmolos para o culto à imagem de Nossa Senhora da Agonia, provinham, maioritariamente de devotos vianenses radicados sobretudo na Baía e no Rio de Janeiro.

A devoção à imagem de Nossa Senhora da Agonia, em Viana do Castelo, remonta a 1751. Em 1783 a Sagrada Congregação dos Ritos confere autorização para se celebrar, na pequena capela que acolhia a imagem da Senhora, a Capela do Bom Jesus do Santo Sepulcro, missa solene no dia 20 de Agosto, desde aí, a devoção à imagem foi aumentando e no século XIX a romaria passa a atrair milhares de romeiros, devotos e visitantes, transformando-se num fenómeno de massas. (FIG. 10)

¹⁶ CAPELA, José Viriato. *As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo Nas Memórias Paroquiais de 1758. Alto-Minho: Memórias, História e Património, Casa Museu de Monção | Universidade do Minho. Braga, 2009, pp. 17-18; 25-27; 71-80; 411-428; 453.*



Figura 9: Ex-voto (1777), capela de N.^a Sr.^a da Agonia. Viana do Castelo.
Foto: Paula Cardona



Figura 10: Imagem de N.^a Sr.^a da Agonia (terceiro quartel do século XVIII),
capela de N.^a Sr.^a da Agonia. Viana do Castelo. Foto: Paula Cardona.

Actualmente, Nossa Senhora da Agonia mantém-se como sinónimo de romaria, a maior de Portugal, que se realiza anualmente de 18 a 21 de Agosto. Um dos pontos altos desta romaria é a procissão ao mar, na qual a imagem de Nossa Senhora da Agonia, transportada por pescadores, é levada solenemente ao mar, para o benzer, materializando assim, aos olhos do devoto, a esperança da bonança e da abundância que se obriga a renovar cada ano.

A romaria é festejada por várias gerações de vianenses que envergam, orgulhosamente, nesses dias, trajes regionais.

A romaria da Senhora da Agonia e tudo o que ela envolve e simboliza pode ser entendida como um produto do processo cultural da comunidade de Viana do Castelo porque celebra tradições que se preservaram, traduz modos e vida e formas de sentir, constituindo, por isso património que se reinterpreta e lega às futuras gerações.

Referências

Arquivo da Capela de N.^a Sr.^a da Agonia, Confraria de N.^a Sr.^a da Agonia. Livro de Receita e Despesa 1758 – 1795.

CARDONA, Paula Cristina Machado. *A Actividade Mecenática das Confrarias nas Matrizes do Vale do Lima nos Séculos XVII a XIX*. 4Vols. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [Tese de doutoramento policopiada], 2004.

CARDONA, Paula Cristina Machado. *O perfil Artístico das confrarias em Ponte de Lima na Época Moderna*. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima, 2010.

CAPELA, José Viriato. *As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo Nas Memórias Paroquiais de 1758*. Alto-Minho: Memórias, História e Património, Casa Museu de Monção | Universidade do Minho. Braga, 2009.

Constituições Sinodais de Braga ordenadas pelo ilustríssimo arcebispo D. Sebastião de Matos no ano de 1639 Lisboa: 1697, Título XXV, const. VI

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. *A Arte Da Talha No Porto na Época Barroca* (Artistas e Clientela, Materiais e Técnica). Porto: Câmara Municipal do Porto, 1989.

MÂLE, Émile. *L'art Religieux de la fin du Moyen Age en France*. Cinquième edition. Paris: Armand Colin, 1949<http://www.monumentos.pt>.

REYCEND, João Baptista. *O Sacrossanto, e Ecuménico Concilio de Trento*. Tomo II. Lisboa: Na oficina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1781.